

**PROJETO ATLAS TOPONÍMICO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL
BRASILEIRA: GÊNESE E TRAJETÓRIA**

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)

RESUMO: Este artigo apresenta o Projeto ATAQB (*Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira*), cujo objetivo central é verificar nos nomes dos lugares as possíveis inter-influências língua/realidade extralingüísticas refletida na sua gênese. Os primeiros resultados apontam para uma superioridade quantitativa de topônimos, cujos significados refletem motivação de *Natureza Antropo-Cultural*.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia, Motivação, Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira.

Primeiras palavras

É do saber geral que toda língua natural reflete a cosmovisão de seus falantes por meio de seu acervo lexical e que este constitui o conjunto de palavras de uma língua natural, no qual estão projetadas as experiências vividas por determinado grupo sócio-lingüístico-cultural. No dizer de Oliveira e Isquierdo (2001, p. 09):

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, [...] Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade.

Entende-se, pois, a análise do conjunto lexical presente na língua de um grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, por exemplo, quando nomeiam pessoas e lugares.

A *Onomástica* - ramo da lingüística que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas (*antropônimos*) e de lugares (*topônimos*) - tem se apresentado, atualmente, como um campo rico para investigações, uma vez que o levantamento e a análise dos antropônimos e/ou dos topônimos constituem um resgate sócio-histórico, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida de uma sociedade. Desta

forma, o antropônimo e o topônimo adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear. No Brasil, por exemplo, muitos trabalhos científicos têm sido desenvolvidos pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia.

Além de pesquisas acadêmicas, destacam-se os Projetos de Atlas Toponímicos em desenvolvimento em algumas Universidades brasileiras: a) *Projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil)*, em desenvolvimento na USP; b) *Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo)*, em desenvolvimento na USP; c) *Projeto ATEMG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais)*, em desenvolvimento na UFMG; d) *Projeto ATEMT (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso)*, em desenvolvimento na UFMT; e) *Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul)*, em desenvolvimento na UFMS; f) *Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná)*, em desenvolvimento na UEL; e, g) *Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins*, em desenvolvimento na UFTO.

Soma-se às pesquisas referidas o *Projeto ATA OB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira)*, em operacionalização na Universidade Federal do Acre desde 2006, sob nossa coordenação.

O presente trabalho tem como objetivos principais: inicialmente, descrever o *Projeto ATA OB*, do seu nascedouro ao estado atual, e, decorrente desse, apresentar os primeiros resultados alcançados. Faz-se necessário, contudo, discorrer, ainda que de forma breve, sobre os pressupostos teóricos que embasam as pesquisas toponímicas, para tornar claros os tópicos que desenvolveremos posteriormente.

1 A Toponímia: conceitos, objeto e categorias taxionômicas

1.1 Do conceito

Ao designar um lugar com um nome, estabelece-se uma relação binômica, ou seja, uma conexão entre o acidente geográfico (o rio, o igarapé, o município, o seringal etc.) e o nome atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo. Nesse ato de nomeação, diferentes fatores interferem (influenciam, motivam) na escolha do denominativo, tanto de ordem físico-ambiental (as características do próprio acidente), quanto de ordem antropológica (a cosmovisão do grupo humano).

Como um dos possíveis estudos lingüísticos, a Toponímia estuda os nomes próprios de lugares (os nomes geográficos) denominados de topônimos. Os especialistas

nessa área têm apresentado diferentes conceituações para o referida ramo onomástico. Rostaing (1961 p. 07), por exemplo, conceitua a Toponímia como uma ciência cuja finalidade é “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações”.

Salazar-Quijada (1985, p. 18), por sua vez, concebe a Toponímia como o “ramo da Onomástica, que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos e antro-po-lingüísticos que permitiram e permitem que um nome de um lugar se origine e subsista.

E Dick (1990, p. 36), por sua vez, define a Toponímia como “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. Para ela, apesar desse caráter eclético da disciplina, que parece inicialmente se chocar com o pensamento de Charles Rostaing, que via na Lingüística o “princípio essencial da Toponímia”, não há contradição entre as duas posições. A Toponímia, em sua feição intrínseca, “deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas”.

1.2 Do objeto

A Toponímia, como esclarecemos antes, possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar), que é o signo lingüístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), o topônimo representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado”.

Para Isquerdo (1997, p. 33) a busca da motivação no signo toponímico não é tão simples. A pesquisadora reconhece essa complexidade afirmando que:

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralingüísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

Acrescenta Sousa (2007a, p. 36), apoiado em Dick (1992), que a motivação toponímica possui um duplo aspecto que transparece em dois momentos: “primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual concorreriam circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva”, e em seguida na origem semântica da nomeação, no significado intrínseco a ela, que se revela de modo transparente ou opaco, apontando para as mais diversas origens.

Assim, considerando-se o nome próprio [de lugar] como fato da língua (como um signo lingüístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antroponômicos), o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por que passaram os povos que habitaram, temporária ou definitivamente, a região pesquisada.

Desse modo, no ato de nomeação, mecanismo influenciado externamente ou subjetivamente, deixa transparecer nos topônimos pistas semânticas das mais diferentes procedências, tornando perceptível um estreito vínculo entre o objeto denominado e seu denominador.

1.3 Das categorias taxionômicas

O sintagma toponímico (ou topônimo) apresenta-se em formas e funções variadas. Estruturalmente, de acordo com Dick (1990, p. 10), o topônimo compreende dois elementos: o *termo* (elemento) *genérico* e o *termo* (elemento) *específico*. O primeiro corresponde ao nome do próprio acidente geográfico que será denominado; e o segundo, corresponde ao elemento que identifica, singulariza o acidente. Por exemplo, no sintagma *Seringal Alagoas*: *Seringal* é o termo genérico e *Alagoas*, o específico.

O aspecto funcional do sintagma toponímico, por sua vez, constitui sua principal característica. Em Dick (1990, p. 367), são apresentados os princípios teóricos de análise toponímica e uma discussão sobre dois planos de investigação – o diacrônico e o sincrônico – considerando que a investigação no âmbito do segundo plano, permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antroponômico”.

Em outra obra, Dick (1992), a pesquisadora apresenta uma reformulação do modelo de classificação taxionômica para os topônimos – o primeiro modelo foi apresentado em

Dick (1975) –, contemplando 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – *Taxionomias de Natureza Física* –, e 16 (dezesesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem o homem – *Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural*. As referidas categorias taxionômicas são descritas e exemplificadas¹ a seguir:

1.3.1 As Taxionomias de Natureza Física

a) *Astrotopônimos*: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex. Cruzeiro do Sul (AC); b) *Cardinotopônimos*: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex. Avenida Leste-Oeste (CE); c) *Cromotopônimos*: topônimos relativos à escala cromática. Ex. Igarapé Preto (AC); d) *Dimensiotopônimos*: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Barra Longa (MG); e) *Fitotopônimos*: topônimos relativos aos vegetais. Ex. Flores (PE); f) *Geomorfotopônimos*: topônimos relativos às formas topográficas. Ex. Morros (MA); g) *Hidrotopônimos*: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. Cachoeirinha (RS); h) *Litotopônimos*: topônimos relativos aos minerais ou à constituição do solo. Ex. Areia (PB); i) *Meteorotopônimos*: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex. Chuvisca (RS); j) *Morfotopônimos*: topônimos relativos às formas geométricas. Ex. Volta Redonda (RJ); l) *Zootopônimo*: topônimos referentes aos animais. Ex. Cascavel (CE)

1.3.2 As Taxionomias de Natureza Antropo-cultural

a) *Animotopônimos* (ou *Nootopônimos*): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex. Vitória (ES); b) *Antropotopônimos*: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. Barbosa (SP); c) *Axiotopônimos*: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex. Coronel Ezequiel (RN); d) *Corotopônimos*: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex. Seringal Quixadá (AC); e) *Cronotopônimos*: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a). Ex. Nova Aurora (GO); f) *Ecotopônimos*: topônimos relativos às habitações em geral. Ex. Chalé (MG); g) *Ergotopônimos*: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. Jangada (MT); h) *Etnotopônimos*: topônimos relativos aos elementos

¹ Os exemplos apresentados foram retirados de Sousa (2007c).

étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. Capixaba (AC); i) *Dirrematopônimos*: topônimos constituídos de frases ou enunciados lingüísticos. Ex. Passa e Fica (RN); j) *Hierotopônimos*: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex. Capela (AL). Essa categoria subdivide-se em: i. *Hagiotopônimos*: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex. Santa Luzia (BA) ii. *Mitotopônimos*: entidades mitológicas. Ex. Exu (PE); l) *Historiotopônimos*: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex. Plácido de Castro (AC); m) *Hodotopônimos*: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex. Ponte Alta (SC); n) *Numerotopônimos*: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex. Dois vizinhos (PR); o) *Poliotopônimos*: topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex. Vila Nova do Mamoré (RO); p) *Sociotopônimos*: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex. Pracinha (SP); q) *Somatopônimos*: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal. Ex. Braço do Trombudo (SC).

Vale assinalar, ainda, as contribuições que outros pesquisadores brasileiros oferecem à proposta classificatória de Dick (1992). Isquerdo (1996), por exemplo, propõe uma subclassificação para a taxa dos *animotopônimos*: *animotopônimos eufóricos* (marca uma impressão agradável, otimista, ex. *Seringal Alegria*) e *animotopônimos disfóricos* (marca uma impressão desagradável, ex. *Seringal Solidão*).

Lima (1998), por sua vez, apresenta uma subdivisão para os *hagiotopônimos*: *hagiotopônimos autênticos* (nomes de inspiração religiosa, ex. *Colocação São Mateus*) e *hagiotopônimos aparentes* (nomes de inspiração política, ex. *Rio São Luiz* – homenagem a um padre).

Já em Francisquini (1998), encontra-se o acréscimo das seguintes taxas: *Acronimotopônimos* (topônimos formados por siglas, ex. *Bairro COHAB*), *Estamatotopônimos* (topônimos relacionados aos sentidos, ex. *Seringal Vista Alegre*), *Grafematopônimos* (topônimos formados por letras do alfabeto, ex. *Avenida D*), *Higietopônimos* (topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico, ex. *Rua da Boa Saúde*) e *Necrotopônimos* (topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais, ex. *Colocação Cova da Onça*).

2 Descrição metodológica do Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira

No Brasil não havia, como nos países europeus, grande tradição em pesquisas onomásticas, de modo geral, e toponímicas, em particular. Contudo, nos últimos anos, o interesse pelos estudos toponímicos tem crescido e, conseqüentemente, muitas pesquisas (teses, dissertações, monografias, artigos, conferências, comunicações entre outras) têm sido realizadas. Como confirmação desse interesse, estão em operacionalização, como afirmamos no início deste trabalho, alguns projetos acadêmicos que visam à produção de Atlas Toponímicos, “como um meio de análise das ocorrências gerais da nomenclatura geográfica, do ponto de vista da denominação dos acidentes físicos e antrópicos” (DICK, 1998, p. 63).

Dentro dessa linha evolutiva das pesquisas toponímicas brasileiras, foram iniciados, em 2006, na Universidade Federal do Acre, os primeiros estudos objetivando a produção do *Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira* – Projeto ATA OB, sob nossa coordenação.

2.1 Objetivos

O Projeto ATA OB objetiva, num sentido amplo, traçar o perfil toponímico do Estado do Acre, a partir da análise da nomenclatura dos seus acidentes físicos (serras, rios, igarapés etc.) e humanos (municípios, seringais, colocações, bairros, ruas etc.) registrados oficialmente em cartas topográficas.

A partir desse objetivo maior, pretendemos: a) reconhecer os estratos lingüísticos que deixaram marcas na toponímia acreana: portugueses, indígenas, africanos etc. b) apresentar os motivadores geradores dos designativos nas diferentes etnias observadas e, posteriormente, cartografadas; c) reconhecer as possíveis influências (gramaticais e semânticas) das línguas em contato no Acre; d) cartografar os topônimos seguindo a metodologia do Projeto ATB.

2.2 O corpus: seleção e catalogação

Devido a escassez de material atualizado para a seleção/coleta dos dados, uma vez que o IBGE/AC não possui em seus arquivos cartas topográficas dos municípios

acreanos de escala 1: 25 000 ou 1: 50 000, o *corpus* da pesquisa está sendo coletado nas seguintes fontes:

- a) Mapa Político-Administrativo do Estado do Acre (2006), escala 1:1000 000
- b) Carta Topográfica da Amazônia Legal (1990), escala 1:1000 000, fornecida pelo IBGE-AC;
- c) Mapas Cartográficos (1990): Microrregião do Alto Juruá (escala 1:2000 000), Cruzeiro do Sul (escala 1:660 000), Feijó (escala 1:750 000), Mâncio Lima (escala 1:400 000), Tarauacá (escala 1:800 000), Microrregião Alto Purus (escala 1:2000 000), Assis Brasil (escala 1:330 000), Brasiléia (escala 1:330 000), Manuel Urbano (escala 1:750 000), Plácido de Castro (escala 1:300 000), Rio Branco (escala 1:600 000), Senador Guiomard (escala 1:300 000), Sena Madureira (escala 1:800 000), Xapuri (escala 1:500 000); fornecidos pela Fundação de Tecnologia do Estado do Acre – FUNTAC;
- d) Dados do Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre (2000a; 2000b), fornecidos pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – SECTMA;
- e) Inquéritos (*corpus*)² do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, da Universidade Federal do Acre.

Atualmente, foram selecionados 446 (quatrocentos e quarenta e seis) topônimos, assim distribuídos: Topônimos de acidentes humanos: 01 do Estado, 05 das Microrregiões, 22 dos municípios, 88 dos seringais e 22 das colocações do Seringal Alagoas; Topônimos de acidentes físicos: 31 dos rios e 277 dos igarapés.

Esses dados estão sendo catalogados em fichas, conforme modelo sugerido por Dick (2004), para que, posteriormente, sejam realizadas as análises morfológicas e classificação semântico-motivacional (a classificação toponímica propriamente dita).

O preenchimento das fichas lexicográficas – que identificam o acidente designado, as entradas lexicais, o pesquisador e o revisor, e as fontes da coleta – é a etapa inicial de um conjunto de fases posteriores que integram o projeto.

² Segundo Lessa (1997), os dados que constituem o corpus do CEDAC foram coletados em entrevistas com seringueiros acreanos, em 18 pontos do Estado, entre 1991 e 1995, visando à produção do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC.

2.3 Etapas da pesquisa

Concluída a fase prévia do projeto (seleção e catalogação dos dados), os passos subseqüentes são: a) investigação dos prováveis fatores motivacionais inerentes aos sintagmas toponímicos; b) distribuição quantitativa dos topônimos de acordo com a natureza toponímica (Física ou Antropo-Cultural); c) distribuição quantitativa dos topônimos de acordo com a categoria taxionômica; d) estudo lingüístico dos sintagmas toponímicos (etimologia, estrutura morfológica etc.); e) levantamento dos fatos sócio-históricos relacionados à nomeação; f) identificação dos estratos lingüísticos (portugueses indígenas, africanos etc.) presentes na região investigada; g) mudanças possíveis de nomeação dos acidentes e as causas que levaram a essa troca; e h) estabelecimento das áreas toponímicas locais e regionais.

O Projeto ATAQB, embora não constitua uma das variantes regionais do Projeto ATB, procura seguir, na medida do possível, os princípios teórico-metodológicos fornecidos por Dick (1990, 1992, 1996, 2004), aplicados nos pesquisas regionais: a) o “método das áreas” (DAUZAT, 1928) ou dialetológico, que propõe o remapeamento da distribuição municipal, conforme os estratos dialetais presentes na língua padrão; b) a distribuição toponímica em classes taxionômicas que denotam os principais motivadores dos topônimos brasileiros.

3 Resultados preliminares: trabalhos apresentados 2006/2007

Ainda em fase inicial de coleta e análise de dados, o Projeto ATAQB tem possibilitado a produção e alguns trabalhos acadêmicos - resultado das investigações realizadas até o momento. A seguir, listamos alguns dos trabalhos, por categoria e em ordem cronológica:

- a) 02 Palestras apresentadas no I Seminário de Pesquisas Dialetológicas da UFAC - 2006: i) *Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: princípios teóricos e metodológicos*; e ii) *Reflexos da realidade sócio-cultural na toponímia acreana*;
- b) 02 Comunicações Individuais na XII Semana de Letras da Universidade Federal de Rondônia – 2006: i) *Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: os historiotopônimos na nomenclatura dos municípios acreanos*; e ii) *As línguas indígenas na nomenclatura dos municípios acreanos*;

- c) 01 Painel apresentado no *Fóro MAP IV – Universidad Amazónica de Pando (UAP) – Bolívia - 2006: Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: primeiras notícias*;
- d) 02 Trabalhos Completos publicados em Anais - 2007: i) IV Congresso de Letras da UERJ-SG: *Estratos lingüísticos de origem Tupi na macrotoponímia acreana: contribuição para o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira* (SOUSA, 2007b); ii) IX Fórum de Estudos Lingüísticos e I Colóquio de Semiótica – UERJ: *O sagrado na toponímia da Amazônia Ocidental Brasileira: as colocações do Seringal Alagoas* (SOUSA, 2007c); e,
- e) 01 Tese de Doutorado em Lingüística - UFC: *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos* (SOUSA, 2007a).

Palavras finais

À guisa de conclusão vale sublinhar que diversos fatores justificam o pouco avanço do Projeto ATAQB, entre eles, a escassez de material para pesquisa histórica de alguns municípios e mapas para coleta de dados, o reduzido número de pesquisadores e o acúmulo de compromissos extra assumidos pelos membros da equipe.

Contudo, ainda em meio a tantos obstáculos, o projeto tem garantido significativas produções, como mostramos anteriormente. A cada nova etapa concluída, surgem motivações e expectativas para o início das demais e conclusão do produto final.

Atualmente, estão em andamento as pesquisas sobre a toponímia dos rios e igarapés, e, terminada essa fase, iniciaremos as investigações dos designativos das colocações de alguns seringais.

Assim, acreditamos que mais este projeto toponímico, somado aos demais, conseguirão motivar o início de novas pesquisas, que levarão à descoberta de nossa identidade, ou realidade, lingüístico-cultural. Levando-se em consideração a dimensão territorial do Brasil, com características geo-lingüísticas e sócio-histórico-culturais tão peculiares, ainda são poucos os estudos toponímicos empreendidos, de modo especial nas regiões Norte e Nordeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Governo do Estado do Acre. **Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente** – Documento final, v. 1. Rio Branco: SECTMA, 2000a.
- _____. Governo do Estado do Acre. **Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente** – Documento final, v. 2. Rio Branco: SECTMA, 2000b.
- DAUZAT, A. **Les noms de Lieux: origine et évolution**. Paris: Librairie Delagrave, 1928.
- DICK, M. V. de P. do A. O problema das taxionomias toponímicas: uma contribuição metodológica. **Separata da Revista Língua e Literatura**, São Paulo, v. 4, p. 372-380, 1975.
- _____. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos**. 1980. 198f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo – USP.
- _____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- _____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FLCH/USP, 1992.
- _____. **Atlas toponímico: um estudo de caso**. São Paulo: Ed. Plêiade. v. 6, p. 27-44, 1996.
- _____. Toponímia e imigração no Brasil. **Revista do Instituto Brasileiro**, São Paulo, v. 4, p. 83-92, 1998.
- _____. Rede de conhecimentos e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. p. 121-130.
- FRANCISQUINI, I. de A. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí**. 1998. 255f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.
- ISQUERDO, A. N. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. 409f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP.
- _____. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras – Revista de História (UFMS)**, Mato grosso do Sul, v. 1, p. 27-46, 1997.

- LESSA, L. G. Os estudos dialectológicos no Estado do Acre. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 7-11, 1997.
- LIMA, I. A. de. A motivação religiosa nos topônimos paranaenses. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 45, Campinas, 1997. **Anais**. Campinas – SP: p. 422-428.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **Ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande, MS: UFMS, 267p, 2004.
- ROSTAIN, C. **Les noms de lieux**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- SALAZAR-QUIJADA, A. 1985. **La toponímia en Venezuela**. Caracas: Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.
- SOUSA, A. M. de. 2007a. Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará – UFC, 120p.
- SOUSA, A. M. de. 2007b. Estratos lingüísticos de origem Tupi na macrotoponímia acreana: contribuição para o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira . *In*: IV CONGRESSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, 04, Rio de Janeiro, 2007. **Anais**. Rio de Janeiro, CiFEFiL. Disponível em: www.filologia.org/cluerj-sg. Acessado em: 30/10/2007.
- SOUSA, A. M. de. 2007c. O sagrado na toponímia da Amazônia Ocidental Brasileira: as colocações do Seringal Alagoas. *In*: IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E I COLÓQUIO DE SEMIÓTICA – UERJ, 09, Rio de Janeiro, 2007. **Actas**. Rio de Janeiro, CiFEFiL. Disponível em: www.filologia.org/ixfelin. Acessado em: 30/10/2007.